

L+106

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

**A TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA E O INSUCESSO NOS
CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL MINISTRADOS EM
LÍNGUA INGLESA**

**Trabalho de projecto apresentado em cumprimento parcial dos requisitos
exigidos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Linguística na
Universidade Eduardo Mondlane**

**Emília Paulino Dias
1998**

LT-106

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

**A TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA E O INSUCESSO NOS CURSOS DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL MINISTRADOS EM LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de projecto apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Linguística na Universidade Eduardo Mondlane

Emília Paulino Dias
1998

37=111
D 541t

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	27080
DATA	21/07/98
AQUISIÇÃO	Oferta
L. E.	LT-20

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação surge como resultado de um esforço individual de pesquisa, Literatura, Organização e Escrita, no entanto, para a sua elaboração contribuem vários indivíduos e instituições. Queria expressar o meu profundo agradecimento a todos que tornaram realidade este trabalho.

Ao Dr. Henrique Nhaombe, meu supervisor, pelo valioso apoio, pelo estímulo, pela paciência e disponibilidade que demonstrou desde o primeiro encontro; pela confiança e segurança transmitida, sem as quais este trabalho não teria sido realizado dentro dos prazos estabelecidos.

Ao Dr. Alberto Mulenga pelo apoio prestado na organização dos dados estatísticos do trabalho.

Ao Professor Xavier Mucave do Departamento de Inglês da Faculdade de Letras por me ter apoiado na elaboração do teste de inglês, na correção das provas e na tradução e interpretação de termos em inglês.

Ao Dr. Sertório Chambale do Departamento de Inglês pelo apoio bibliográfico e aconselhamento.

A todos os meus professores do curso de Linguística.

Aos meus colegas do curso de Linguística pelo interesse e apoio em opiniões e outro material.

Aos trabalhadores da D. Comercial da LAM por se terem disponibilizado em fornecer dados para a realização do trabalho. Em especial o pessoal do CRT, Balcão de Emissões e T. vendas.

À minha mãe e irmão pelo interesse que mostraram na realização do trabalho que significaria o fim do curso.

Aos meus filhos Dércio e João Miguel pela paciência e compreensão em não terem a mãe em todos os momentos.

Ao meu marido, João Moreno, pelo carinho, apoio e estímulo constante, factores que contribuíram bastante para a realização deste trabalho.

A todos os que indirectamente tornaram possível a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

O estudo que aqui se inicia, pretende mostrar que a transferência linguística negativa é a causa do insucesso nos cursos de formação profissional quando é usado o inglês como língua de ensino.

Serão analisadas com base numa AC as respostas a um teste diagnóstico em Inglês no qual serão postos em prova os artigos indefinidos, os determinantes quantitativos indefinidos e os adjectivos.

O presente trabalho compreende os seguintes capítulos;

- O capítulo I comporta a introdução, o ensino do português em Moçambique e uma breve reflexão sobre o ensino do inglês no país.
- O capítulo II é uma breve revisão da Literatura ligada à transferência linguística e à Análise constrativa.
- O capítulo III apresenta os procedimentos metodológicos na recolha de dados.
- O capítulo IV destina-se à análise de dados e a apresentação dos resultados dos testes efectuados.
- O capítulo V é dedicado ao Sumário e às conclusões a que se chegou com a elaboração do presente trabalho bem como às recomendações nele deixadas.

CAPÍTULO I-----	1
1. INTRODUÇÃO-----	1
1.1 <i>O ensino em Moçambique e o estatuto da língua portuguesa</i> -----	3
1.2 <i>O Ensino do Inglês em Moçambique</i> -----	6
CAPÍTULO II-----	9
2. QUADRO TEÓRICO-----	9
2.1 <i>A Hipótese da Transferência</i> -----	9
2.1.1 <i>Transferência positiva/Transferência negativa</i> -----	9
2.2 <i>A Hipótese da Análise Contrastiva</i> -----	12
CAPÍTULO III-----	15
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS-----	15
3.1 <i>Determinação do Universo</i> -----	15
3.2 <i>Seleção de Dados</i> -----	16
3.3 <i>O Inquérito sóciolinguístico</i> -----	16
3.4 <i>Teste de língua inglesa para a detecção de erros nos pontos de dificuldades previsto através de uma AC16</i>	
3.5 <i>Pressuposto de Pesquisa</i> -----	17
CAPÍTULO IV-----	18
4. ANÁLISE DE DADOS-----	18
4.1 <i>Os resultados do inquérito sociolinguístico</i> -----	18
4.2 <i>Resultados estatísticos do teste diagnóstico confrontados com a AC</i> -----	20
4.2.1 Os artigos indefinidos-----	22
i. Quanto à forma:-----	22
ii. No uso deste tipo de artigos na sintaxe nota-se que:-----	22
4.2.2. Os determinantes quantitativos indefinidos-----	22
i. Quanto à forma:-----	23
ii. O uso dos determinantes quantitativos indefinidos na sintaxe-----	23
4.2.3 Os adjectivos-----	23
i. Quanto à forma:-----	23
ii. O uso dos adjectivos na sintaxe-----	24
CAPÍTULO V-----	24
5. CONCLUSÕES GERAIS E RECOMENDAÇÕES-----	24
5.1 <i>Sumário</i> -----	24
5.2 <i>Conclusões e recomendações</i> -----	25
VER ANEXOS-----	27

BIBLIOGRAFIA

ANEXO I	1.....
ANEXO II.....	2.....
ANEXO III.....	4.....
ANEXO V.....	13.....
ANEXO VI.....	13.....

CAPÍTULO I

1. Introdução

O presente trabalho pretende abordar o papel desempenhado pela língua na transmissão e recepção de conhecimentos técnico-científicos. Este papel é demasiado importante e complexo de tal modo que se o assunto não for encarado com a devida seriedade, os seus efeitos poderão ser negativos e muitas vezes irreparáveis.

O actual nível de desenvolvimento da produção, baseada em meios técnicos modernos, exige uma elevada preparação técnica e profissional por parte dos trabalhadores. Esta preparação permitirá ao trabalhador uma realização eficaz do trabalho e a utilização plena dos equipamentos no seu posto de trabalho. Assim, todo o processo de produção exige uma formação adequada que conduza o trabalhador à descoberta de caminhos que o levem à uma produção criativa.

Deste modo, na programação dos cursos ou outro tipo de actividade formativa (palestras, seminários, outros), é importante e necessário ter-se em conta os problemas de linguagem e da língua.

A língua é segundo Leonard Bloomfield (1928/1957), a totalidade de enunciados que podem ser produzidos numa comunidade linguística. É através da língua que os seres humanos se comunicam nos diversos contextos da sua existência. Assim, se a língua usada por um determinado grupo não é do conhecimento de todos os seus elementos, a comunicação deixa de existir. E se a pretensão da comunicação é a transmissão e aquisição de conhecimentos técnico-científicos ou profissionais, estas duas acções não se efectuam devidamente.

Estudos feitos na área de aprendizagem de línguas revelam que quando um indivíduo não conhece ou conhece mal uma determinada língua, L_2 , "refugia-se" à sua língua materna à qual busca estruturas transferindo-as para a língua desconhecida ou mal adquirida. Esta operação poderá auxiliar ou não o indivíduo.

A questão que aqui se coloca é se a dificuldade na aquisição de conhecimentos técnico-profissionais, quando a língua usada para o efeito é o Inglês, está ou não relacionada com problemas que derivam da *transferência linguística*.

Está provado que o não domínio da língua através da qual são transmitidos os conhecimentos técnicos influencia, até certo ponto, a aquisição dos mesmos causando uma deficiente formação técnica no formando. Desta forma a *transferência negativa* ou interferência, sendo causada fundamentalmente pelo não domínio da língua Inglesa na situação de LE poderá ou não influenciar negativamente na aquisição de conhecimentos técnico-profissionais.

Constitui motivação para este estudo o desejo de confirmar ou refutar alegações de alguns trabalhadores recém formados num curso de “tarifas e regulamentações”, segundo as quais os conteúdos das matérias leccionadas nos cursos de formação profissional ministrados em Inglês não são assimilados na sua totalidade. Um outro facto que despertou o meu interesse em realizar este estudo, foram alguns relatórios de cursos que apontam como dificuldade na aquisição de novos conhecimentos por parte de alguns trabalhadores o não domínio da língua inglesa.

Em resumo, o objectivo deste trabalho é ver qual é o impacto do uso do Inglês em alguns cursos de formação profissional na empresa LAM, e se os problemas que surgem na aquisição de conhecimentos técnico científicos estão ou não relacionados com a *transferência linguística negativa*.

Este trabalho é importante na medida em que poderá ser um contributo para a melhoria dos mecanismos a empregar com vista a um maior rendimento nas acções de formação profissional dirigidas a trabalhadores nas empresas em geral e na LAM em particular. Assim, ao se programarem os cursos de formação profissional, os gestores desta área poderão prestar uma atenção especial à situação linguística dos trabalhadores a maior parte dos quais têm, como língua materna, uma língua bantu e o Português como língua segunda e língua de ensino e o inglês, simplesmente como uma língua estrangeira e muitas vezes desconhecida.

1.1 O ensino em Moçambique e o estatuto da língua portuguesa

Tendo em conta os três grandes momentos da vida do país (a fase colonial, a fase da luta armada de libertação nacional e a fase pós-independência), vemos que Moçambique assumiu um determinado comportamento linguístico.

A educação colonial tinha como principal objectivo formar executores da política colonial. Assim, o sistema educativo manipulava o colonizado de forma a que este renegasse a sua própria cultura e as línguas locais. Neste período, a escola era um centro que apenas promovia a língua e a cultura portuguesas com o objectivo exclusivo de formar um moçambicano fiel à religião cristã e falante apenas do português. Foi por esta razão que o português foi declarado única língua de ensino. De acordo com Mondlane (1969:60), embora os moçambicanos falassem também as línguas bantu, estas eram reservadas ao uso familiar entre os indígenas e, raramente, à função de instrumento facilitador da aprendizagem do português.

Uma vez que os conteúdos educacionais estavam virados para o ensino da língua portuguesa surge, como resultado imediato desta política educacional, uma elite instruída dentro dos padrões da "civilização" do colonizador, que renega a sua própria língua e cultura e uma elevada taxa de analfabetismo que, à data da independência oscilava entre os 95% e os 98%. Assim, o sistema de educação colonial não só não permitiu uma aprendizagem científica das línguas bantu como não o fez em relação ao alcance de níveis de eficácia do português.

Em 1964, a FRELIMO organiza nas zonas libertadas um sistema educacional a nível primário. Neste programa, é novamente privilegiada a língua portuguesa ao funcionar como língua exclusiva de ensino, tal como se verificava do outro lado de Moçambique gerido pelo sistema colonial. Esta situação foi originada pelo facto de a FRELIMO ter adoptado o português como sua língua de trabalho e de contacto com o mundo.

Em 1975, com a proclamação da independência do território nacional, o português é, através da constituição, consagrado língua oficial de Moçambique, sendo-lhe reservadas exclusivamente as seguintes funções:

- i) língua de unidade nacional
- ii) língua de comunicação oficial
- iii) língua de ensino

Deste modo, em Moçambique, um país multilingue em que a maioria da população, cerca de 98,8%, fala línguas bantu é usado o português como única língua de acesso ao saber. Coexistem com o português mais de dez línguas bantu entre as quais o Shimakonde, o Kimwane, o Cisena, o Cishona, o Citsonga e muitas outras.

Em todos os momentos de discussão da situação linguística do país, o português surge como uma língua privilegiada. Destes momentos podemos salientar a realização do 1º Seminário Nacional da Informação, em 1975, em Macomia na qual para além de se reforçar o papel do português como língua de unidade nacional e do saber científico, renovou-se o uso das línguas bantu na comunicação radiofónica, como meio facilitador da aprendizagem do português.

Em 1979, realizou-se o 1º Seminário Nacional sobre o ensino do português no qual se discutiu a possibilidade de investigação no âmbito das línguas bantu, para além da confirmação do estatuto do português.

Em 1981 é aprovado, pelo governo, o projecto do Sistema Nacional de Educação (SNE), o qual, do ponto de vista linguístico adopta o português como a língua exclusiva de ensino em todos os seus subsistemas e níveis.

Fazendo um percurso diacrónico de Moçambique, a nível do ensino é fácil ver que a língua portuguesa sempre ocupou uma posição privilegiada. Só muito recentemente é que os linguistas viraram as suas atenções sobre o ensino das línguas bantu, sendo de salientar o trabalho desenvolvido pelo INDE denominado "Uma experiência de Escolarização Bilingue em Moçambique - PEBIMO", que visa avaliar

o sucesso de um programa bilingue no ensino inicial das crianças. As outras línguas de comunicação internacional como o Inglês e o Francês, no ensino, são tratadas, simplesmente como línguas estrangeiras, daí que o seu uso como língua de transmissão de conhecimentos científicos ou técnicos, pode contribuir para o insucesso.

1.2 O Ensino do Inglês em Moçambique

Durante séculos era o latim que desempenhava as funções de língua de comunicação Internacional. À medida que as novas línguas europeias se consolidavam, o conhecimento destas línguas para além das suas fronteiras foi sendo cada vez mais útil e prestigiante, tanto para conhecer as obras literárias na sua língua original como para estabelecer relações diplomáticas ou comerciais. Nos séculos XVI e XVII, as línguas mais prestigiadas na Europa Ocidental eram o Italiano e o Espanhol e na Europa Central o Alemão. No século XVIII o Francês torna-se a língua de comunicação internacional das pessoas cultas, sendo através desta que se difundem por toda a Europa as ideias do iluminismo. Esta língua tornou-se a língua normal da diplomacia e das relações internacionais.

No século XX deu-se a ascensão do alemão como língua do saber, tendo-se dado um impulso importante nesse sentido; como exemplo pode-se citar a filosofia alemã de Kant, de Hegel, de Marx e de muitos outros. Pode-se assim dizer que as elites destas épocas sentiam a necessidade de conhecer o francês e o alemão ou as duas línguas, desde a infância.

Depois da segunda guerra mundial a aquisição de línguas estrangeiras começou a ter uma utilidade prática muito apreciada. Nesta prática foi beneficiado o Inglês, que até então tinha tido um papel relativamente secundário na Europa. A aquisição da língua Inglesa, nesta época estendeu-se a toda a população. A ascensão do Inglês só se entende olhando não só para a Europa mas sim para a globalidade do mundo.

Assim, a ocupação colonial, iniciada no século XIX, foi acompanhada pela presença das suas línguas, que se tornaram línguas de comunicação internacional. Nesta ocupação, o Império Inglês ocupou o primeiro lugar. O Império Britânico incluía áreas muito extensas e de uma riqueza potencial enorme que fazia com que a frota britânica fosse a mais potente do mundo, tanto na área militar como no comércio e também com que a maior parte do tráfego marítimo mundial se processasse em Inglês. O rápido desenvolvimento da potencialidade económica nos EUA contribuiu para esta presença predominante do Inglês na economia mundial.

Pode-se portanto dizer que embora no início do século XX as três línguas (o francês, o alemão e o inglês) continuassem em relativa igualdade como línguas de comunicação internacional, com o inglês na terceira posição, na segunda metade do mesmo século, o inglês ascende à 1ª posição na escala mundial.

A explicação mais frequente atribui esta mudança em favor do inglês à Segunda Guerra Mundial. Assim, Siguar (1996:176), afirma: *“certamente que o papel desempenhado pela Inglaterra e pelos EUA, foi determinante e que isso deu ao inglês uma posição predominante e um protagonismo que o francês não pôde ter, dado o papel muito mais modesto desempenhado pela França no conflito, enquanto o alemão foi afectado pelas conotações negativas do fracasso na guerra”*. Mas o papel decisivo dos países de língua inglesa do desenlace do conflito foi um resultado directo da sua potencialidade económica.

É atendendo a esta importância do inglês como língua de comunicação internacional que em Moçambique a língua Inglesa é ensinada nas escolas, figurando, por isso, nos planos de ensino do Ministério de Educação.

Antes de 1975, data da Independência Nacional, o Inglês era ensinado nas escolas, a partir do nível secundário, fazendo parte dos currículos de ensino.

Após a independência nacional, com a filiação do país à SADC (Southern African Development Community) e mais tarde com a sua adesão como membro da Commonwealth, a língua Inglesa começa a ganhar em termos institucionais, uma

posição de destaque. Por estas razões e por outras de ordem económica, o ensino do Inglês não se circunscreve apenas às escolas lideradas pelo sistema nacional de ensino. Paralelamente ao MINED (Ministério de Educação), existem outras instituições que exercem a actividade de ensino de Inglês bem como de outras línguas. Das instituições que se dedicam ao ensino do Inglês podem-se destacar algumas ONG's tais como a British (MAGIC) e a Swedish (ARO), algumas agências como a "United State Information Service" (USIS), a ODA, conhecida correntemente como "Department For Development" (DFID).

Apesar desta aparente abundância institucional, existem no ensino do Inglês um conjunto de problemas relacionados com a conjuntura de todo o sector educacional do país e que contribuem para o insucesso dos aprendentes. Destes problemas podem-se apontar os seguintes:

- A partir de 1975 (data da Independência Nacional), desencadearam-se acções de encorajamento para o ensino do Inglês, mas o processo de ensino não foi bem dirigido. Como resultado da má gestão do processo verificou-se uma falta massiva de professores que fez com que se utilizassem indivíduos sem formação nos postos do professorado e que suportavam um elevado número de estudantes. Para além disso, a maioria dos poucos professores existentes exercem a profissão com um baixo nível de instrução e pouco domínio do Inglês daí que a qualidade de ensino é extremamente baixa.
- As condições de ensino/aprendizagem são muito más; os livros e outros materiais de ensino são em quantidades muito limitadas e em alguns pontos do país os mesmos não existem.
- O baixo nível salarial dos professores faz com que seja um problema sério manter os professores na profissão. Consequentemente, há uma constante absorção dos professores do sector estatal, onde se encontra a maioria da população estudantil, para as escolas e empresas privadas onde as condições de trabalho para pessoas que conhecem o Inglês são boas.

Sabe-se que o Inglês em Moçambique é uma língua importante não só por ela ser de comunicação internacional mas também devido à posição geográfica em que o país se situa na região. Os problemas aqui apresentados e outros que não o foram, reflectem-se directamente na qualidade de ensino e futuramente no nível de proficiência linguística dos indivíduos submetidos a este sistema de ensino. Os problemas que surgem no ensino de uma língua segunda ou estrangeira, tais como a transferência linguística, estarão muito patentes nestes indivíduos sujeitos à uma aprendizagem deficiente.

CAPÍTULO II

2. QUADRO TEÓRICO

2.1. A Hipótese da Transferência

2.1.1 Transferência positiva/Transferência negativa

Segundo Kleim (1986), a aquisição de uma língua segunda (L_2) pode ser feita de diversas formas. A aquisição de uma (L_2) está intrinsecamente ligada ao problema do bilinguismo e aquisição de língua estrangeira (LE).

Assim, Kleim distingue os seguintes tipos de bilinguismo e aquisição de língua:

1. Aquisição bilingue de uma língua primeira, também conhecido por bilinguismo composto, em que as duas línguas são aprendidas em paralelo.
2. A aquisição de uma L_2 depois de ter adquirido primeiramente uma língua primeira; neste caso o aprendente desenvolve inicialmente um sistema e posteriormente outro, passando a operar depois com os dois em paralelo, sendo por isso chamado a este tipo de bilinguismo, de *bilinguismo coordenado*.

Até aos anos sessenta a aprendizagem de uma L_2 era comandada pela teoria behaviorista. Segundo esta teoria a aprendizagem era uma questão de aquisição de um novo conjunto de hábitos.

Muitos autores têm corroborado este ponto de vista. A título de exemplo, Corder (1967) aponta que a aprendizagem de uma tarefa A afecta a aprendizagem de uma tarefa B. Por sua vez Littlewood (1984) defende que o aprendente de uma língua segunda possui uma série de hábitos: a sua língua nativa. Segundo este autor alguns destes hábitos auxiliam o aprendente na aprendizagem de uma L_2 . A observação de que a aprendizagem "à priori" afecta a aprendizagem subsequente conduziu à hipótese da *transferência linguística*. A hipótese da transferência é o fundamento psicológico da Análise Contrastiva.

A *transferência* é a passagem, pelo aprendente de uma L_2/LE , de formas ou estruturas da sua L_1 para as estruturas da L_2/LE em questão.

Para Jakobovits (1969:55), a *transferência* é talvez o único conceito mais importante na teoria e prática da educação.

Por seu turno Ellis (1965), considera a teoria da transferência como sendo a hipótese que admite que a aprendizagem de uma tarefa A afecta a aprendizagem subsequente da tarefa B.

A transferência de estruturas da língua nativa para a língua segunda ou língua estrangeira pode ser benéfica ou prejudicial ao processo de aprendizagem. É com base neste pressuposto que alguns autores se debruçaram sobre os assuntos ligados à transferência e seus efeitos na aprendizagem de línguas.

Osgood (1949) divide o fenómeno da transferência em três "paradigmas". Este estudioso destaca a noção de *proação* em que os efeitos de um determinado hábito se reflectem sobre uma determinada tarefa. Na aprendizagem de uma língua segunda, o aprendente tende a transferir formas da sua língua materna para a língua segunda. Por outro lado distingue a *reproação* na qual a execução de uma determinada tarefa afecta as tarefas subsequentes.

Osgood designa valores (+ ou -) à transferência. À *transferência positiva*, na qual os aprendentes da L_2/LE transferem positivamente estruturas da sua L_1 para a L_2 , também chamada *facilitação*, atribui-se o valor (+T). À *transferência negativa* na

qual o aprendente transfere negativamente estruturas da sua L_1 para L_2 atribui-se o valor (-T). A transferência considerada nestes termos é também conhecida por *interferência*.

Littlewood (1984) refere que quando hábitos da língua materna ajudam na aquisição de hábitos da língua segunda ou língua estrangeira, esta será considerada transferência positiva. Mas se estes hábitos, e segundo o mesmo autor, não auxiliam na aquisição de novos hábitos e pelo contrário prejudicam o processo de acesso a estes, estaremos perante a *transferência negativa* ou *interferência*.

A transferência positiva acontece quando o aprendente de uma L_2/LE usa estruturas da sua L_1 que sejam semelhantes às da L_2 fazendo generalizações e produzindo formas certas da L_2 . Desta forma e segundo Terence Odier (1989, p. 36), a comparação mostra que as semelhanças linguísticas podem produzir a transferência positiva em vários campos. Segundo este autor, a transferência positiva é económica na aprendizagem uma vez que pode reduzir o tempo necessário para desenvolver uma boa compreensão e leitura quando ela se verifica entre o vocabulário da língua nativa (LN) e o da língua alvo (LA).

Muitos estudos feitos nesta área confirmam que as semelhanças linguísticas promovem a aquisição da LA.

A transferência negativa ou interferência, envolve as divergências nas normas da LN e LA. Ela está relacionada com a produção de erros. Estudos feitos nesta área referem que a *interferência* é a principal causa das dificuldades na aprendizagem e dos erros praticados pelos aprendentes de L_2/LE .

O interesse pela *transferência* na aprendizagem de uma L_2/LE surgiu ao se tentar especificar os efeitos da interferência através da Análise Contrastiva entre a L_2/LE e a L_1 .

Segundo Selinker (1969 : 69) a noção de transferência foi preocupação e alvo de estudos linguísticos em duas áreas: estudos bilíngues efectuados por Weinreich (1953) e na linguística aplicada por Lado (1957). É na obra "Linguistics Across

Cultures” de Lado que a transferência negativa ou interferência começa a ser uma preocupação e alvo de estudos mais intensivos na teoria de aprendizagem de uma L₂/LE.

Deste modo pode-se dizer que a língua materna constitui parte fundamental na aprendizagem de um L₂/LE. Estudos feitos antes de Lado, por Henry Sweet, Harold Palmer e Otto Jespersen já se referiam à importância da língua nativa na aprendizagem de uma L₂/LE.

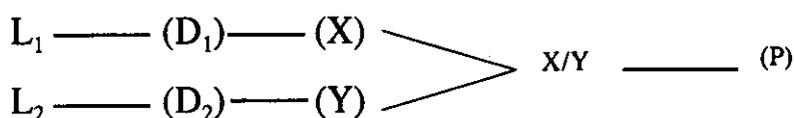
2.2 A Hipótese da Análise Contrastiva

Uma análise contrastiva (AC) é, de acordo com Carl James (1980), uma declaração explícita de como duas línguas diferem em estrutura (gramática e sintaxe). De acordo com esta definição, pode-se inferir que para fazer uma AC, devem-se ter em conta os seguintes requisitos:

1. devem existir pelo menos duas línguas
2. Essas línguas devem ser comparadas
3. As línguas devem possuir aspectos semelhantes e aspectos diferentes

Na AC, as semelhanças são chamadas de *constantes* e as diferenças são conhecidas por *variáveis* ou *textium comparationis*.

A AC envolve duas línguas e o processo em direcção à predição das dificuldades que o falante terá ao aprender a L₂, será, segundo Whitman (1970:191) composto por quatro etapas:



em que:

- (D) = descrição
(X) e (Y) = selecção
(X/Y) = contraste

(P) = predição

Segundo Wardhaugh (1970) e Schachter (1974 : 205 - 231) a AC possui duas versões: a versão forte ou "a priori" e a versão fraca, as quais são segundo o mesmo autor baseadas nas teorias da *interferência* da L₁. Segundo os pressupostos da interferência, como já se pode ver, a L₁ transfere negativamente suas estruturas para a L₂.

A versão forte da HAC ou "a priori", é conhecida como *predictiva* porque prevê os erros dos aprendentes. Ela prediz os pontos em que os estudantes de uma língua segunda ou estrangeira terão maiores dificuldades durante a aprendizagem.

A versão forte da HAC foi estabelecida por Lee (1968, p 186) e tem os seguintes postulados:

1. A primeira causa, ou seja a causa base, de dificuldades e erros nos estudantes de uma LE é a interferência proveniente da LN.
2. As dificuldades são devidas às diferenças existentes entre as duas línguas.
3. O grau dessas diferenças determina as dificuldades que se poderão ter na aprendizagem.
4. Os resultados da comparação entre as duas línguas são necessárias para prever as dificuldades e os erros que ocorrerão na aprendizagem da LE.
5. O que deve ser ensinado pode ser melhor encontrado pela comparação das duas línguas e excluir o que há de comum entre elas, desta forma, o que os estudantes aprendem dificilmente, somariza as diferenças estabelecidas pela AC.

A versão fraca ou "a posteriori" é chamada análise de erros em que a partir dos erros cometidos pelos aprendentes se faz uma análise sobre o tipo e as possíveis causas desses mesmos erros.

Alguns linguístas proeminentes e pioneiros no campo da pedagogia das L₂/LE, tais como Henri Sweet, Harnold Palmer e Otto Jepsen reconhecem a importância

da L_1 na aprendizagem da L_2/LE mas foi Charles Fries quem estabeleceu firmemente a AC como uma componente integral na metodologia do ensino de L_2/LE , ao declarar:

“O material mais efectivo (para o ensino de LE) é baseado na descrição científica da língua a ser ensinada cuidadosamente comparada numa descrição paralela da LN do aprendente (1945, p 9).

Outro linguísta que corrobora deste ponto de vista é Wardhaugh (1970:195) ao recomendar a AC aos professores de língua segunda e estrangeira devido às suas qualidades predictivas.

A AC prediz erros causados pela interferência resultante de uma aprendizagem inadequada e dificuldades na aprendizagem de uma L_2/LE . O acesso à facilidade ou dificuldade na aprendizagem de uma L_2/LE é, segundo Lado (1957) dado pela comparação entre a L_1 e a L_2/LE do aprendente. É através desta comparação que se verifica a tendência de os indivíduos transferirem as formas e significados da sua língua nativa para a língua a aprender (L_2/LE). Lado (1975) tornou-se o grande defensor da (HAC) ao afirmar:

“Os individuos tendem a transferir as formas e significados da sua língua e cultura para a cultura e língua estrangeira” Lado (1957:2)

Segundo o mesmo autor, a chave para a facilidade ou dificuldade na aprendizagem de uma LE consiste na comparação entre a LN e a LE do aprendente (p.1).

Contudo, a hipótese da análise contrastiva possui as suas limitações; Ela prevê parte dos erros que os aprendentes poderão vir a praticar mas não explica as suas causas. Por outro lado tem-se verificado a ocorrência de erros não previstos. Segundo Lee (1968), a AC é *simplista*, pois os erros cometidos pelos aprendentes, dependerão das dificuldades na aprendizagem e na estrutura.

Nos anos 70 surge a Hipótese da Identidade (HI) com Dulay e Burt (1972). Estes dois estudiosos refutam a AC por lhe faltar uma abordagem empírica.

Segundo a HI os aprendentes de uma L₂/LE organizam o discurso da L₂ que ouvem e fazem generalizações acerca da sua estrutura tal como as crianças durante a aquisição da sua L₁. Assim, os erros produzidos na L₂/LE serão iguais aos das crianças nativas dessa LA.

Dulay e Burt rejeitam também a teoria behaviorista ao afirmarem que o processo de aprendizagem de uma língua é um processo activo e criativo. Para estes dois estudiosos, o processo de aquisição da L₂/LE é guiado pelo sistema particular da L₂/LE, sem transferência de formas e itens da L₁ do aprendente. A HI foi impulsionada pela “revolução” produzida pela publicação em 1957 de *Syntactic structures* de Chomsky.

CAPÍTULO III

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é reservado à apresentação da metodologia de trabalho adoptada para a eliciação da informação e os meios utilizados para este fim. Assim, para este estudo foi realizado um inquérito sociolinguístico e um teste diagnóstico com o objectivo de apurar, respectivamente os elementos sociolinguísticos para o estudo e o nível de conhecimento linguístico do inglês.

“À priori” foi feita uma análise contrastiva através da qual foi possível detectar as partes nas quais os informantes poderão ter dificuldades, isto é, as partes em que se verificam contrastes entre as línguas portuguesa e inglesa.

3.1 Determinação do Universo

Para a elaboração deste trabalho foram seleccionados 40 (quarenta) trabalhadores, todos ligados à Direcção Comercial (Escala do Maputo) da Empresa Linhas Aéreas de Moçambique. Esta Direcção está dividida em vários sectores entre elas a Terminal de Vendas, Controlo de Reseitas de Tráfego e Balcão de Emissões.

Os trabalhadores destes três sectores são, normalmente, submetidos a cursos de formação profissional nos quais é usada a língua inglesa como língua de ensino. Este facto tem levado a que os trabalhadores cursandos não assimilam os conteúdos das matérias leccionadas.

Os quarenta sujeitos seleccionados (de forma voluntária) para o estudo pertencem aos três sectores acima identificados, sendo 14 (catorze) da Terminal de Vendas, 16 (dezasseis) do Sector de Control de Receitas de Tráfego e 10 (dez) do Balcão de Emissões.

A maioria dos sujeitos tinha a idade compreendida entre os vinte e cinco e quarenta anos e possuía um nível de escolaridade que variava entre a nona e a décima classes do antigo sistema de educação , havendo, porém, alguns com o nível médio do ensino técnico.

Os técnicos instrutores são geralmente não falantes de português e a transmissão dos conhecimentos é feita exclusivamente através do inglês .

3.2 Selecção de Dados

Os dados para o estudo foram obtidos a partir de 40 provas de inglês efectuadas pelos trabalhadores da Direcção Comercial (Terminal de Vendas, Controle de Receitas de Tráfego e Balcão de Emissões) da empresa LAM. Nestas provas foram testados os seguintes aspectos da gramática: os artigos indefinidos, os determinantes quantitativos indefinidos e os adjectivos.

Para reforçar a informação foram seleccionados 40 inquéritos sóciolinguísticos respondidos pelos mesmos sujeitos testados em inglês.

3.3 O Inquérito sóciolinguístico

O inquérito sóciolinguístico (anexo 1) ao qual foram submetidos os quarenta sujeitos da nossa amostra, tem como objectivo apurar elementos sobre o contexto social e linguístico em que os sujeitos viviam, bem como as condições em que os

mesmos aprenderam a língua inglesa e o seu ponto de vista em relação ao uso da mesma como meio de acesso aos conhecimentos técnicos.

Assim, o inquérito sociolinguístico permitiu a constituição de uma base de dados muito importante para o estudo.

3.4 Teste de língua inglesa para a detecção de erros nos pontos de dificuldades previsto através de uma AC

O teste diagnóstico (Anexo II) aplicado aos sujeitos da nossa amostra pretendia, para além de testar o nível do conhecimento da língua inglesa, verificar se os sujeitos transferem ou não estruturas do português ^x(língua de ensino para todos os informantes), para o inglês, na posição de LE, também usada como língua de acesso ao conhecimento técnico e científico. Este teste está dividido em três grupos nos quais foram testados os seguintes elementos da gramática, quanto à forma e a posição que eles tomam na sintaxe.

1. Os artigos indefinidos
2. Os determinantes quantitativos indefinidos
3. Os adjectivos

As respostas dos sujeitos a este teste foram confrontados com os resultados de uma AC (Anexo III) realizada paralelamente ao teste e que visa determinar "à priori" as partes em que os sujeitos poderão encontrar dificuldades na percepção do inglês. Estas partes são dadas pelos contrastes existentes entre a língua do sujeito que neste caso é o português e a L₂/LE neste caso o inglês. Então, a AC envolve o português e o inglês e nela foram postos em contraste como foi acima refer os artigos indefinidos, os determinantes quantitativos indefinidos e os adjectivos, quanto à forma e a sua posição ao serem usados na sintaxe.

3.5 Pressuposto de Pesquisa

Este trabalho pretende comprovar que os trabalhadores do Sector Comercial da LAM não assimilam os conteúdos das matérias leccionadas nos cursos de formação profissional quando é usada a língua inglesa como língua de ensino (transmissão de conhecimentos técnico-profissionais), havendo a necessidade de se reverem os critérios utilizados na selecção de trabalhadores para a frequência destes cursos ministrados em inglês ou de se criarem condições para que todos os trabalhadores tenham que passar inicialmente por aquilo que a didáctica chama de “*banho de língua*” ou caso não existam condições para estes procedimentos os cursos deverão ser ministrados em português.

O pressuposto básica que guiou o nosso trabalho é o de que “*os trabalhadores do Sector Comercial da empresa LAM (Linhas Aéreas de Moçambique)* não assimilam os conteúdos das matérias leccionadas nos cursos quando é usada a língua Inglesa como língua de ensino, devido à *transferência negativa*.”.

É de notar que a transferência negativa é fruto da má aprendizagem de uma determinada língua que neste caso poderá influenciar negativamente no desempenho da actividade profissional por parte dos trabalhadores abrangidos pelos cursos de formação profissional. Assim, a confirmar-se a nossa pressuposição de investigação poderemos, então, concluir que o uso do inglês como língua de transmissão de conhecimentos técnico-científico faz com que os trabalhadores não sejam devidamente formados, e não se desenvolvam profissionalmente, em suma, leva à “fossilização” dos seus conhecimentos.

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo pretende fazer uma análise dos dados que serviram de base para o presente trabalho. Apresentaremos os resultados obtidos no inquérito sociolinguístico e em seguida os resultados estatísticos do teste diagnóstico confrontado com a AC.

4.1. Os resultados do inquérito sociolinguístico

Através do inquérito sociolinguístico ao qual foram submetido os 40 sujeitos da nossa amostra, verificamos o local onde o inquirido vive, tendo-se constatado que 72,5% reside com a família em bairros suburbanos da capital do país, sendo 55% chefes de família.

Sobre esta informação poder-se-á concluir que a maioria dos sujeitos possui fracas condições de vida e sendo chefes de família a possibilidade de se desenvolverem na aprendizagem de línguas é remota, devido a dificuldades diversas (financeiras, sociais, etc).

Sobre as línguas faladas em casa pelos sujeitos da nossa amostra apurou-se que a maioria (97%) fala para além de outras, línguas bantu distribuídas da seguinte maneira:

55% falam changana

27,5% falam rongga

2,5% falam chuabo

2,5% falam nyandja

10% falam gitonga

Dos quarenta sujeitos só um (2,5%) é que fala exclusivamente a língua portuguesa com a família e amigos. Destes sujeitos 85% tem como língua materna uma língua bantu.

Inquiridos sobre o desejo de continuarem ou não a aprendizagem do inglês, 99,9% respondeu positivamente o que seria benéfico para o aperfeiçoamento da língua em questão. Cinco dos sujeitos (12,5%) nunca estiveram em situação de aprendizagem da língua inglesa, tendo tido o primeiro contacto com esta língua, em cursos em que a mesma era usada como língua de transmissão de conhecimentos. Quanto aos restantes sujeitos da amostra tiveram o seu primeiro contacto com o inglês na escola, e no período pós independência, portanto, num período em que o ensino/aprendizagem do inglês sofreu um grande declínio devido a problemas existentes no sector da educação (cap. 1.2).

Sobre o motivo do interesse (se o houver) pela língua inglesa, os sujeitos revelaram o seguinte comportamento:

- 2,5% por motivos familiares
- 77,5% por motivos profissionais
- 15% simples gosto pela língua
- 5% não deram qualquer resposta

Oitenta por cento dos inqueridos acolheu com agrado a aprendizagem do inglês embora não tivesse gostado da forma deficiente pela qual as aulas eram ministradas (falta de livros e outros materiais para a aprendizagem de línguas).

Estes dados proporcionam ao estudo informações sobre o nível linguístico dos inquiridos, o seu grau de interesse pelo inglês e a sua pré-disposição para uma possível acção de ensino/aprendizagem desta língua.

O inquérito mostra que 87,5% da nossa amostra lê somente livros técnicos em inglês e os restantes não lêem qualquer tipo de literatura em inglês. Todos os inquiridos, com a excepção de um (2,5%), opinaram contra a utilização do inglês como língua de transmissão de conhecimentos técnico-profissionais, no "*estado da língua*" inglesa em que eles se encontram.

4.2 Resultados estatísticos do teste diagnóstico confrontados com a AC

Os procedimentos estatísticos usados para analisar os dados foram:

- 1) O cálculo do tamanho da amostra .
- 2) O teste da média, da mediana e da amplitude do grupo.
- 3) O teste da variância e do desvio padrão.
- 4) O cálculo do coeficiente de variação.

O procedimento para estes cálculos poderá ser visualizado no anexo V.

No teste de inglês feito numa escala de zero a vinte (0- 20) ,sendo considerada nota positiva a classificação superior a dez (10) inclusive e negativa (0 -9), apuramos o seguinte:

1. Considerando o método de amostragem intensional ou de selecção racional de Richardson (1989: 107), a amostra $n = 40$ provas para uma população $N = 128$, é representativa.
2. Os valores da média (7.3) e da mediana (7) não têm uma grande diferença o que prova que a assimetria é quase nula, tendendo para a negativa.

Esta relação entre a média e a mediana serve para firmar o baixo nível dos elementos da amostra pois, apesar de existirem algumas classificações altas, a média é baixa e a mediana, considerada uma medida **robusta** , confirma este facto. O anexo VI mostra o comportamento do grupo em :

Fig 1. Médias em percentagens das médias.

Fig 2a. Mapa das frequências.

Fig 2. Sector circular das médias em percentagens.

Fig 3. Gráfico de barras das frequências.

Curriculum Vitae

Nome: Emília Paulino Dias
Filiação: Alzira Francisco Xavier e de Paulino Dias
Naturalidade: Maxixe, Inhambane
Data de Nascimento: 15 de Outubro de 1959
Estado Civil: Casada
Residência: Av. Karl Marx nº 1879: 2º Esq - Maputo
Profissão: Técnica de Recursos Humanos
B.I. 328978
Telefone: 302248

1. Habilitações Literárias:

- 1996/97 Freqüência do 5º ano do curso de linguística na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo
1987 Concluiu o 3º ano do curso médio de economia de trabalho na Escola de Estudos Laborais "Alberto Cassimo" em Maputo
1977 Concluiu a 9ª Classe; Curso Comercial na cidade da Beira
1974 Concluiu a 6ª Classe do ensino geral na cidade da Beira

2. Formação Profissionais

- 1978 Curso de Formação de Professores de Contabilidade no Instituto Comercial de Maputo

3. Experiência Profissional

- 1979/1982 Professora de Contabilidade na Escola Comercial Amilcar Cabral na cidade da Beira (1979/1980) e na Escola Comercial do Maputo (1979/1980)

1987/1998 Técnica de Recursos Humanos na Empresa Linhas Aéreas
de Moçambique

4 Trabalhos Técnicos e/ou de Investigação

1992 Participação na elaboração do manual de funções da empresa
L.A.M

5 Outras informações

Possui carta de condução ligeiros



3. A variância é 12.79 e o desvio padrão é 3.543. O valor do desvio padrão mostra-nos a dispersão do grupo ou a sua variabilidade. Neste caso, o desvio padrão é elevado o que demonstra que o grupo não é homogénio .
4. O coeficiente de variação é 48.933 o que significa que existe no grupo uma grande diversidade na classificação e, portanto, uma grande variação no conhecimento da língua inglesa entre os sujeitos que forneceram os dados para o estudo; há indivíduos que possuem um nível **bom** de conhecimentos e outros com o nível muito baixo . Esta informação é-nos confirmada pela amplitude do grupo que é de 13.5 (anexo V: 2, iii) , e que é a diferença entre a classificação máxima e a classificação mínima.

Esta análise foi feita com base nas classificações (em anexo IV) que resultaram do comportamento dos sujeitos ao responderem ao teste de língua inglesa, o qual foi confrontado com a AC (anexo III) .

Assim:

4.2.1 Os artigos indefinidos

Constatamos que:

i. Quanto à forma:

Os nossos dados revelam a existência de dificuldades na identificação dos artigos indefinidos. Quando solicitados a sublinhar os artigos indefinidos alguns sujeitos (mais de metade) sublinharam outros elementos da gramática tais como:

Later	'mais tarde'	"advérbio"
at	'perto de', 'em'	"preposição"
of	'de'	"preposição"

ii . No uso deste tipo de artigos na sintaxe nota-se que:

Os sujeitos não conhecem a regra do inglês para o uso dos artigos indefinidos (Anexo III: I, ii.)

E/ou os sujeitos tentam usar os artigos indefinidos em inglês adaptando-os à forma como os mesmos são usados no português, isto é, não obedecendo aos contextos lexicográficos. Assim, cerca de 95% dos sujeitos do nosso grupo de estudo, cometeu erros tais como os que se seguem e alguns dos quais previstos na AC.

*a egg 'um ovo' em vez de an egg

*a honour 'uma honra' em vez de an honour

*an book 'um livro' em vez de a book

*an university 'uma universidade' em vez de a university

4.2.2. Os determinantes quantitativos indefinidos

Analisadas as respostas ao grupo II de perguntas do teste de língua constatamos que :

i. Quanto à forma:

Alguns sujeitos não conhecem os determinantes quantitativos pois quando solicitados a identificar estes elementos numa dada frase, 32,5% apontou outros elementos da gramática, e 12,5% não apontou nenhum elemento, absteve-se.

ii O uso dos determinantes quantitativos indefinidos na sintaxe

Ao responderem à alínea b) do grupo II de perguntas, grande parte dos sujeitos não soube usar devidamente os determinantes quantitativos. Isto deveu-se, de acordo com o previsto na nossa AC, ao desconhecimento da regra segundo a qual alguns determinantes em inglês são usados, somente, para os substantivos contáveis ("man" 'homem' "a few"

'poucos' "various" 'vários') e outros usam-se somente para os substantivos não contáveis ("much" 'muita quantidade' "a little" 'pequeno').

Assim, 35% do nosso conjunto de dados que os sujeitos aplicaram a regra do português que não faz uma distinção rígida dos tipos de substantivos sobre os quais se aplica um e outro determinante qualitativo por exemplo:

* He taught for much months after graduation.

* He taught for a little months after graduation.

E, 45% dos sujeitos não respondeu a esta pergunta do teste.

4.2.3 Os adjetivos

No III grupo de respostas ao teste de língua inglesa apuramos os seguintes resultados:

i. Quanto à forma:

Como acontece nas respostas às perguntas I e II do teste, nesta, (no III), é também evidente a dificuldade em identificar os adjetivos (III grupo, alínea a) embora uma parte dos sujeitos, cerca de 18%, tenham conseguido identificar pelo menos a metade dos adjetivos presentes no extracto do texto apresentado para o efeito.

Vinte por cento (20%) dos informantes apontaram para além de adjetivos outros elementos da gramática o que significa que não sabe com perfeito domínio quando é que se está ou não perante um adjetivo.

Cerca de 20% absteve-se, não indicando portanto, qualquer elemento; nem adjetivo, nem outro elemento da gramática.

Outros elementos do grupo indicaram entre um e três adjetivos de um total de dez presentes no extracto do texto a) da pergunta III.

Nas respostas à alínea b), 68% dos sujeitos passaram os adjectivos para o plural como se faz no português, em que os adjectivos variam em número, confirmando a predição da nossa AC(Anexo III : III, 3

ii. O uso dos adjectivos na sintaxe

Não se visualizam grandes problemas neste ponto apesar de alguns sujeitos, tradução do extracto do texto, terem colocado os adjectivos com a função atributiva em português (forma regular do inglês), tornando a frase menos natural.

?... um africano e criativo escritor ...

?... absurdo homem ...

Isto deve-se à falta de flexibilidade na organização da frase e não exactamente ao desconhecimento uma vez que o sujeito pode ver e sentir que a frase está pouco natural.

Capítulo V

5. Conclusões gerais e recomendações

5.1 Sumário

“Os trabalhadores do sector comercial da empresa LAM (Linhas Aéreas de Moçambique), não assimilam os conteúdos das matérias leccionadas nos cursos quando é usada a língua inglesa como língua de ensino, devido à transferência negativa”.

Para provar a existência da transferência linguística negativa, foram seleccionados para amostra do projecto quarenta (40) trabalhadores do sector comercial e que normalmente são submetidos a cursos ministrados em inglês.

Este grupo de trabalhadores foi submetido a um inquérito sociolinguístico para determinar qual o estatuto da língua inglesa no quotidiano da maioria e também para se ter um conhecimento sócio-económico em que os mesmos vivem.

Após a realização do inquérito sociolinguístico o mesmo grupo foi submetido a um teste de língua inglesa para apurar o nível de língua dos elementos do grupo e verificar se neles ocorre ou não a transferência linguística negativa.

5.2 Conclusões e recomendações

Com base nos resultados dos dois testes (sociolinguístico e diagnóstico), foi feita uma análise a qual foi auxiliada por uma AC realizada para o efeito. Os resultados desta análise levaram-nos a concluir que:

1. Uma grande parte dos sujeitos é chefe de família com a qual vive nos bairros suburbanos da capital do país. Possuem, portanto, baixo poder económico, o que não lhes permite custear um curso de inglês a fim de elevar o seu nível nesta língua.
2. Alguns dos sujeitos nunca estiveram em situação de aprendizagem da língua inglesa e alguns dos que já receberam algumas aulas fizeram-no em condições bastante deficientes devido aos problemas citados em 1.2 deste trabalho, podendo-se afirmar que os seus conhecimentos nesta língua são bastante deficientes.
3. Analisados os resultados do teste diagnóstico nota-se que:
Duma maneira geral os sujeitos não possuem bases suficientes de língua inglesa; as classificações (Anexo IV) são baixíssimas, a média geral do grupo (sete), está abaixo da positiva o que quer dizer que os sujeitos encaram grandes dificuldades ao nível desta língua.
4. Em quase todas as provas que constituíram dados para o nosso estudo está patente a transferência negativa devido ao desconhecimento da língua, levando-nos a concluir que esta é uma das causas do insucesso nos cursos de formação profissional, parecendo assim, confirmar o nosso pressuposto inicial.

5. Em alguns dos sujeitos, que conhecedores das suas limitações no domínio de língua inglesa, apercebendo-se das dificuldades na compreensão e expressão utilizam a *estratégia de evitação*, não respondendo a algumas perguntas.

Assim, com base nas conclusões e confirmada a nossa pressuposição de pesquisa somos levados a deixar a seguinte recomendação:

1. Para que se conheçam com exactidão os problemas linguísticos existentes deve-se alargar o estudo à outras áreas . Uma pesquisa ao nível macro-linguístico poderá ser mais abrangente, pois só a este nível é que se poderão detectar as dificuldades ligadas não só a gramática mas também ao discurso .

Um estudo de deta natureza permitirá :

- 1.1 Um ensino de línguas consciente em que os aprendentes estarão cientes das diferenças existentes entre as línguas (neste caso entre o português e o inglês) permitindo assim, que eles criem as suas estratégias para ajustar estas divergências, com vista a produzir formas linguísticas correctas.

Esta acção levará ao melhoramento da performance dos aprendentes na língua portuguesa pois, a pesquisa feita revela a existência de lacunas nesta língua talvés por ela ser uma L2 para a maioria.

- 1.2 A produção de materiais de ensino de línguas adequado ao tipo dos problemas detectados (manuais, material audio-visuais).

ANEXO 1

Inquérito Sociolinguístico

Inquérito

1. Como se chama?
2. Onde é que nasceu?
3. Onde mora?
4. Qual é o seu estado civil?
5. Com quem vive?
6. É o chefe de família?
7. Que línguas fala em casa? Qual a mais utilizada?
8. Qual é a sua língua materna?
9. A língua Portuguesa é para si uma Língua segunda? Se não é, qual é a posição que ela ocupa?
10. Que língua(s) usa para se comunicar com os seus amigos?
11. Quais as suas habilitações literárias?
12. Gosta da língua Inglesa ou preferia uma outra língua?
13. Quando e em que circunstâncias teve o primeiro contacto com a língua Inglesa?
14. Que impressão é que lhe causou esse primeiro contacto:

<input type="checkbox"/>	agrado
<input type="checkbox"/>	desagrado
<input type="checkbox"/>	indiferença
15. Onde fez os seus estudos?
16. Durante o tempo de estudante aprendeu Inglês?
17. Gostou da forma como as aulas eram dadas? Justifique.
18. Quais são as suas perspectivas em relação à língua:

<input type="checkbox"/>	quer saber mais
<input type="checkbox"/>	já possui suficientes conhecimentos sobre a língua
19. A língua Inglesa interessa-lhe por motivos:

<input type="checkbox"/>	familiares
<input type="checkbox"/>	profissionais
<input type="checkbox"/>	simples gosto pela língua
20. Costuma ler obras em Inglês? Que tipo de livros:

<input type="checkbox"/>	banda desenhada
<input type="checkbox"/>	ficção
<input type="checkbox"/>	livros técnicos
<input type="checkbox"/>	livros de aventuras

21. Acha que a Língua tem influência na transmissão dos conhecimentos técnico-científicos? Porquê?
22. Se tivesse que opinar sobre a realização de cursos de formação profissional através do Inglês como língua de ensino, que diria?

ANEXO II

Department of English
English test:

Surname _____ Name _____

Date _____

Text

CHINUA ACHEBE

One of the best-known novelists writing in Africa today, Achebe was born in 1930 in the large village of Ogidi in Eastern Nigeria. At six he began his formal education, later attending a government secondary school in Umuahia. There he obtained a scholarship to studies in medicine at the University College of Ibadan. After a year, however, he switched his course to literature and received his Bachelor of Arts in 1953. He taught for several months after graduation and then spent some years in broadcasting. Following this he did more full-time writing of his own and contributed considerably to the establishment of African literature. Achebe has made a substantial contribution not only to African but also to world literature. His four best-known novels are "Arrow of God", "Things Fall Apart", "No Longer At Ease" and "Man Of The People".

Talking of his writing, Achebe has some very definite ideas: "It is clear to me that an African creative writer who tries to avoid the big social and political issues of contemporary Africa will end up being completely irrelevant - like that absurd man in the proverb who leaves his burning house to pursue a rat fleeing from the flames".

I. After reading the text.

- a) Underline all the indefinite articles from the text.
- b) Fill in the gaps using the same indefinite articles.

Honour
Book
School

Egg
University
Knife

Information
Advice
Oven

- II. a) Underline the quantifier in the sentence below
"He taught for several months after graduation..."
- b) Rewrite the sentence above using the words in the box.

a lot of	various	many	uch
any	a little	some	a few

- III. a) Indicate the adjectives from the extract below:

"It is clear to me that an African creative writer who tries to avoid the big social and political Issues of contemporary Africa will end up being completely irrelevant – like that absurd man in the proverb who leaves his burning house".

- b) Rewrite this extract into plural.
- c) Translate this extract into Portuguese.

ANEXO III

Análise Contrastiva

I Os Artigos Indefinidos

1. Descrição e selecção

i .No sistema do Português

No sistema da língua portuguesa os artigos são palavras que servem para anunciar .Os artigos indefinidos empregam-se para designar seres que são apresentados como desconhecidos. São eles 'um' e 'uma'.

a. Quanto à forma:

Variam em género (feminino e masculino) e em número (singular e plural). Exemplo:

EX 1

Um	Escritor	(masc/sing)
Uma	Universidade	(fem/sing)
Uns	Livros	(masc/plur)
Um	Informações	(fem/plur)

b. Quanto à posição

Os artigos indefinidos em português colocam-se sempre na posição pré nominal;

EX 2:

Um escritor	uma escola
* escritor um	* escola uma

ii) No sistema do inglês

No sistema da língua Inglesa, tal como no português, os artigos indefinidos empregam-se para designar seres que são apresentados como desconhecidos. Eles tomam as seguintes formas: 'a', 'an'.

a. Quanto à forma

Variam de acordo com os contextos lexicográfico do nome que enuncia.

"a" emprega-se para todos os nomes cujo fonema inicial soa a consoante ou é consoante

EX 3:

a book	'um livro'	a school
* an book		* an shool

"an" usa-se quando o nome ao qual precede começa por "h" mudo ou som vocálico.

EX 4:

an information	'uma informação'	an university
* a information		* a universit

Para os nomes no plural o inglês usa o "some".

b. Quanto à posição

Os artigos indefinidos na língua Inglesa colocam-se tal como no português, na posição precedente ao nome.

EX 5:

a book	an university
* book a	* university an

2.O Contraste

Constituem contrastes o seguinte:

a.Na forma

Em português os artigos indefinidos variam em género e um número, existindo um artigo indefinido para nomes no masculino e outro para nomes no feminino e outras formas usadas para nomes no plural e outros no singular (exemplos I.).

No Inglês, os artigos indefinidos não têm essa variação, nem em género nem em número.

Nesta língua existe sim a variação de acordo com os contextos lexicográficos do nome que o artigo indefinido anuncia (exemplo 3).

3.Predição

Contrastando o Inglês e o português, vemos que existe um contraste na forma; No português os artigos indefinidos variam de acordo com o género (masculino, feminino) e com o número (plural, singular). E no Inglês a variação é de acordo com os contextos lexicográficos do nome anunciado.

Assim, para os aprendentes do Inglês, poderão surgir erros relacionados com a forma. Poderão usar os artigos procurando fazer a distinção quanto ao género ou quanto ao número, como no português. Acontecendo assim a transferência negativa. Poderão assim surgir erros do tipo:

EX 6:

* an book	um livro	(masc.)
*a university	uma universidade	(fem.)

II. Determinantes quantitativos indefinidos

1. Descrição e Selecção

i. No sistema do português

Os determinantes quantitativos indefinidos são palavras que determinam o substantivo a que se ligam e indicam quantidades não definidas. São eles:

todo	pouco
algun	um
Nenhum	tanto
certo	qualquer
muito	
outro	

a. Quanto à forma

Todos variam em género e em número com a excepção do "qualquer" que só varia em número.

EX 17:

Algum tempo	tantos problemas
Alguns meses	tanta honra
Alguma vez	

b. Quanto à posição

Nesta língua os determinantes quantitativos indefinidos posicionam-se geralmente antes do substantivo mas existem casos em que surgem depois dele:

EX 18:

- Ele estuda o tempo todo ...

- Empresta-me um livro qualquer

ii. No Sistema do inglês

a. Quanto à forma

Os determinantes quantitativos indefinidos dividem-se em dois grupos: determinantes quantitativos indefinidos para os substantivos contáveis e os determinantes quantitativos para os substantivos não contáveis.

a) d.q.i. para substantivos contáveis

Para estes usam-se os seguintes:

Many, a lot of, a few, various, some, any

...

EX 19:

... many months 'muitos meses'

*... much months

b) d.q.i. para os substantivos não contáveis

usam-se os seguintes determinantes:

much, a lot of, a little, some e any

EX 20:

much information 'muita informação'

Entretanto há determinantes que se usam tanto para os substantivos contáveis como para os não contáveis, por exemplo: "some" e "a little of"

b. Quanto a posição

No inglês os determinantes quantitativos são sempre colocados antes do substantivo.

III O contraste

Constituem contrastes o seguinte:

a. Na forma

No inglês os d.q.i. estão divididos em : d.q.i. substantivos contáveis e d.q.i. substantivos não contáveis.

- Em português esta distinção não existe.

No inglês os d.q.i apresentam-se numa forma única enquanto que no português os d.q.i variam em género e em número.

b.Na posição

Embora algumas vezes o português apresente os d.q.i na posição pós nominal e o inglês os apresente sempre na posição pré-nominal, este contraste não é relevante.

3. Predição

Confrontando as duas línguas (português e inglês), pode-se ver que de acordo com os contrastes existentes, poderão surgir entre os sujeitos da nossa amostra, entre outras as seguintes dificuldades:

1. O uso de "much" para os substantivos contáveis e o uso de "many" para os substantivos não contáveis.

Este erro poderá ser cometido devido a confusão que poderá advir do facto de no português só existirem formas que se podem usar para qualquer tipo de substantivo. Assim, temos por exemplo:

* much months

* much problem

2. Poderão surgir erros que derivam da variação em género e em número que os d.q.i em português sofrem. Aqui, os sujeitos poderão tentar construir formas semelhantes as do português , tais como:

* somes months

ñ manys months

III Os adjectivos

- I. Descrição e Selecção

- i) No sistema do português

No sistema da língua portuguesa, o adjectivo é uma palavra que no plano semântico indica uma qualidade, uma característica ou uma propriedade do ser indicado pelo nome.

a.Quanto à forma

1. No português temos os adjectivos uniformes e os adjectivos biformes

Os uniformes são aqueles que apresentam uma só forma para o masculino e o feminino:

EX 7:

casa grande

informação útil

carro grande

livro útil

Os biformes são os que variam em género, consoante o sintagma nominal que caracterizam, de tal forma que se o nome representa o género feminino, o adjectivo estará também no feminino e se o nome estiver no masculino, o adjectivo concordará com ele:

EX 8:

homem absurdo

África negra

* homem absurda

* África negro

2. Todos os adjectivos variam em número; se o nome estiver no singular o adjectivo estará também no singular e se o nome estiver no plural o adjectivo concordará com ele.

EX 9:

escritor famoso
escritores famosos
* escritores famoso

b. Quanto à posição

Numa frase, um adjectivo pode apresentar-se em duas posições, antes ou depois do nome:

- Quando desempenha funções predicativas o adjectivo pode apresentar-se tanto na posição pré-nominal como na posição pós nominal.

EX 10:

adj. pred.

Achei escritor Chinua Achebe

Considero Chinua Achebe criativo

adj. pred..

- Quando o adjectivo desempenha funções atributivas o mesmo coloca-se geralmente depois do nome que caracteriza e muitas vezes a mudança de posição do adj. em relação ao nome modifica o sentido da frase, tornando-a menos natural.

EX 11:

escritor criativo

homem absurdo

? criativo escritor

? absurdo homem

II No sistema do Inglês

No sistema do Inglês, o objectivo é tal como no português uma palavra que no plano semântico indica uma qualidade, uma característica ou uma propriedade do ser indicado pelo nome.

a. Quanto à forma

Em inglês os adjectivos só tem uma forma a qual se usa tanto para os nomes no singular como para os nomes no plural e para sujeitos e objectos. Não existe a divisão em género na língua Inglesa.

EX 12:

definite idea

'ideia definida'

definite ideas

'ideias definidas'

* definites ideas

b. Quanto à posição

Na língua inglesa o adjectivo pode apresentar-se tanto na posição pré-nominal como na pós-nominal.

- Quando desempenha funções predicativas o adjectivo apresenta-se na posição pós-nominal

EX 13:

It is clear ...

'Está claro ...'

This idea is definite

'Esta ideia é definida'

- Quando o adjectivo desempenha funções atributivas ele apresenta-se na posição pré-nominal

EX 14:

definite ideas

'ideias definidas'

* ideas definite

2.O contraste

Constituem contrastes o seguinte:

a.Na forma

Enquanto o português apresenta duas formas para os adjectivos (uniformes e biformes), o Inglês só apresenta uma forma única, a qual se aplica para os nomes no singular como no plural.

No português alguns adjectivos variam em género, havendo uma forma para os nomes no feminino e outra para os nomes no masculino.

ñ No inglês existe uma forma única, sem distinção em género.

b.Na posição

- Quando se trata de adjectivos predicativos os adjectivos assumem o seguinte comportamento nas duas línguas:

ñ No português o adjectivo coloca-se tanto na posição pré-nominal como na pós-nominal

ñ No Inglês o adjectivo coloca-se na posição pós-nominal

- Quando se trata de adjectivos atributivos;

ñ O português geralmente apresenta os adjectivos na posição pós-nominal e

ñ O Inglês apresenta os adjectivos na posição pré-nominal.

3. Predição

A AC dos adjectivos revela a existência de contrastes tanto na forma como na posição. Assim, poderão surgir as seguintes dificuldades :

1. Poder-se-á transferir a estrutura do português para o inglês, atribuindo aos adjectivos formas singulares e plurais, por exemplo

EX 15:

* definites ideas

* larges vilages

Poderão surgir confusões que derivam da posição de tal modo que na função atributiva os adjectivos em inglês sejam colocados na posição pós-nominal como acontece no português, por exemplo:

EX 16:

* ideas definite

* vilage large

'aldeia grande'

Anexo IV

Classificações dos sujeitos no teste diagnóstico Esc. [0 - 20]

Sujeito	Classificação	Sujeito	Classificação
1	16	21	9,5
2	9	22	3
3	8	23	3
4	3,5	24	2,5
5	6,5	25	3
6	5	26	9
7	5,5	27	5
8	7,5	28	5,5
9	5	29	8
10	3,5	30	7,5
11	6,5	31	8
12	14	32	5,5
13	11	33	7
14	15	34	7,5
15	8	35	13
16	3	36	4
17	7	37	8
18	3	38	12
19	4,5	39	13,5
20	10	40	6

ANEXO V

1) Cálculo do tamanho da amostra

Para Richardson (1989), o tamanho da amostra n pode ser representativo se o mesmo corresponder a pelo menos 10% da população N ; assim

$$f_i = n/N \quad n = 40; N = 128: f_i = 40/128 = 0.31 (31\%) > 10\%$$

f_i = percentagem da amostra

n = tamanho da amostra

N = população

2) Teste da média, da mediana e da amplitude do grupo.

i) a média

$$\bar{x} = \sum x_i / n$$

$$; = 292/40$$

$$; = 7.3$$

x_i = classificação de cada sujeito

n = nº total dos sujeitos da amostra

ii) a mediana

corresponde ao valor que se situa no ponto intermédio das classificações quando estas estão dispostas em ordem crescente. Neste caso a mediana é 7.

iii) a amplitude do grupo

$$h = x_{\max} - x_{\min} \quad h = 16 - 2.5 = 13.5$$

$$x_{\max} = 16 \quad x_{\min} = 2.5$$

iv) a moda

é o resultado que foi obtido pelo maior nº de sujeitos, isto é, visitado mais frequente do grupo. Neste caso a moda é 5.

3) Teste da variância e do desvio padrão

i) A variância

$$S = \sum (x - \bar{x})^2 / n$$

X = classificação de cada sujeito

\bar{X} = média aritmética do grupo

n = ao nº total de sujeitos

$$\sum (x - \bar{x})^2 = 511.60$$

$$n = 40$$

$$S = 511.60 / 40 = 12.79$$

ii) o desvio padrão

$$DP \text{ ou } S = \sqrt{\sum (x - \bar{x})^2 / n} : DP = \sqrt{S} : DP = \sqrt{12.79} = 3.576$$

DP = Desvio padrão

$$Dp = \sqrt{12.79} = 3.57$$

4) o coeficiente de variação

o coeficiente de variação é dado pela fórmula

$$cv = S/\bar{x} : CV = 3.576 / 7.3 : CV = 48.933\%$$

em que :

S = Desvio padrão

\bar{X} = média do grupo

Anexo VI

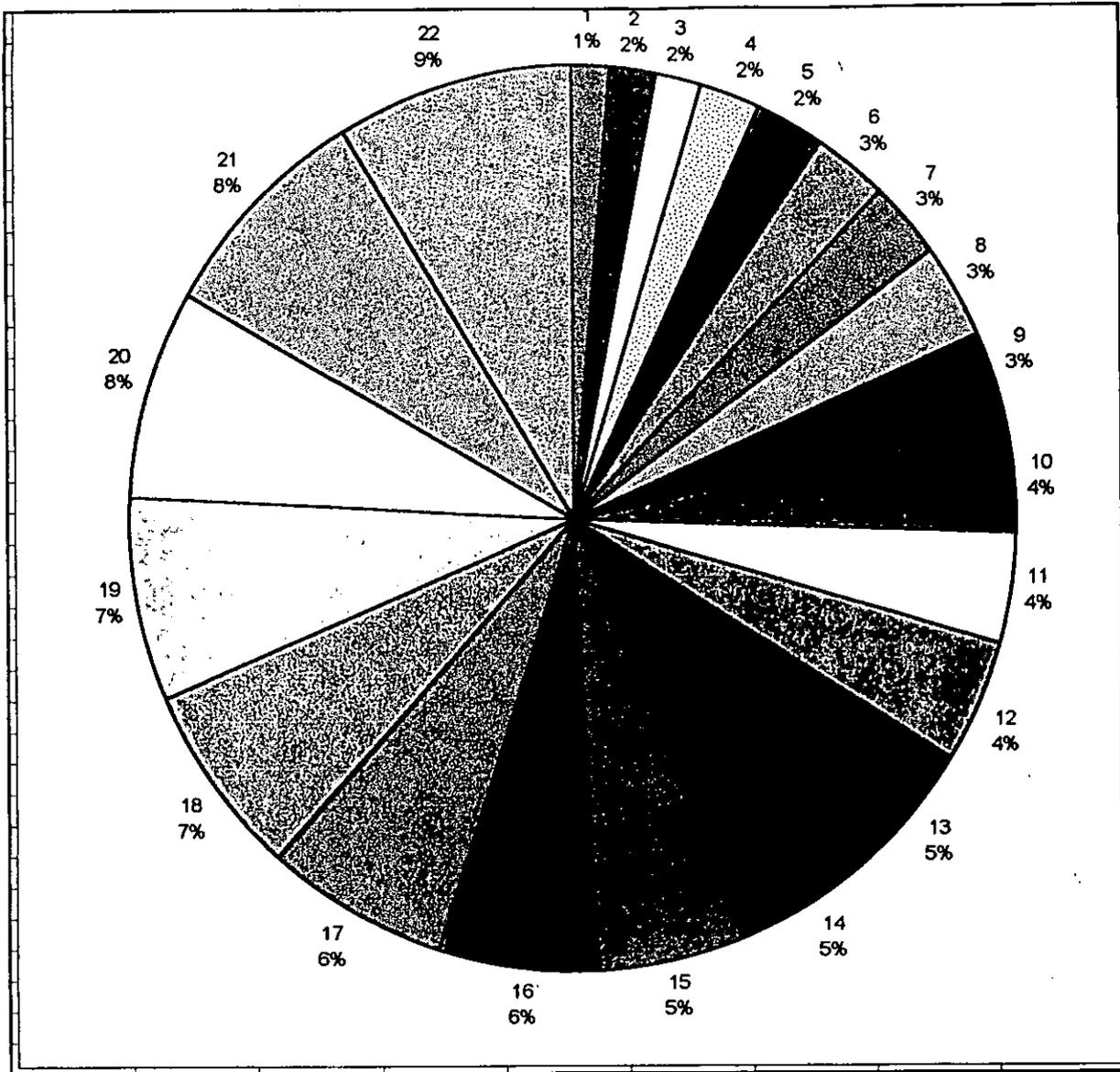


Fig. 1 - Sector circular das médias em percentagens

File: A:\ANEXO

Date last modified: Oct 29, 1998 10:16AM

Row	label	freq
1	2.500	1
2	3.000	5
3	3.500	2
4	4.000	1
5	4.500	1
6	5.000	3
7	5.500	3
8	6.000	1
9	6.500	2
10	7.000	2
11	7.500	3
12	8.000	5
13	9.000	2
14	9.500	1
15	10.000	1
16	11.000	1
17	12.000	1
18	13.000	1
19	13.500	1
20	14.000	1
21	15.000	1
22	16.000	1
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30		
31		
32		
33		
34		
35		
36		
37		
38		
39		
40		

Fig.2 - Mapa: das frequências

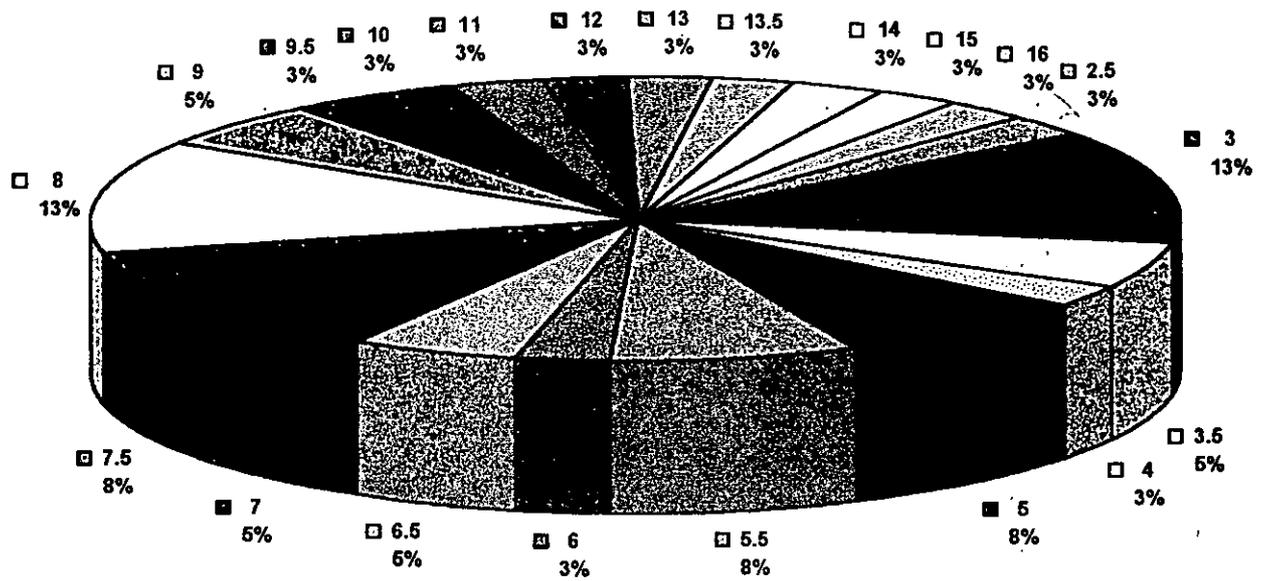


Fig. 2 - Sector circular das frequências

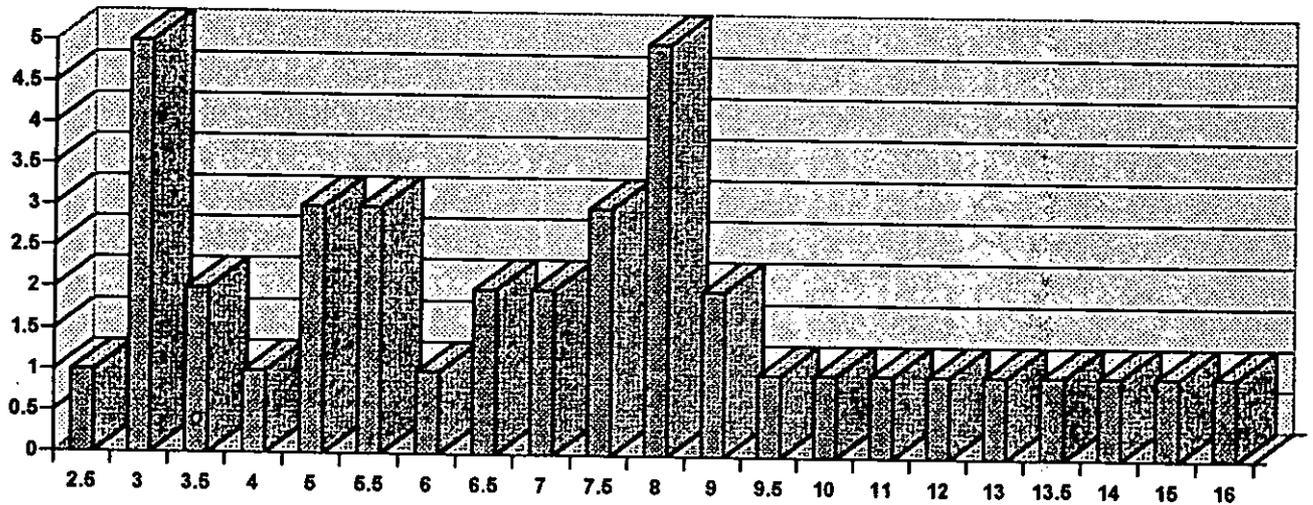


Fig. 3 - Gráfico de barras das frequências

BIBLIOGRAFIA

1. CHAMBALE-MSHOTHOLA, S. The State of the Art of ELT in Mozambique. Johannesburg, 1997.
(comunicação apresentada à International Conference for English Teachers em Johannesburg).
2. CHOMSKY, N. O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso. Vol.2, Col. "Convergence", trad. de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves, Editora Caminho, Lisboa, 1994.
3. DIAS, H. Análise de Erros da Preposição com Produzidos por Alunos Moçambicanos. Maputo, 1990.
(Dissertação apresentada para obtenção do grau de licenciatura na Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique).
4. JAMES, C. Contrastive Analysis. London: Longman, 1980.
5. LITTLEWOOD, W. Foreign and Second Language Learning. Cambridge University Press, Cambridge, 1984.
6. LOPES, A. J. Política Linguística. Editora Livraria Universitária, U.E.M., Maputo, 1997.
7. MACTAN, L. Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos. Col. "E. P. U."; Ed. EPU, São Paulo, 1987.
8. MELO, C; e Henriques, J. A Língua e a Norma. Platano Editora, Lisboa, 1985.
9. MURPHY, R. Essential Grammar in Use. Cambridge University Press, Cambridge, 1990.
10. NGUNGA, A.S.A. Ensino de Línguas na Educação Formal em Moçambique. Maputo, 1985.
(Comunicação Apresentada à "Neida Regional Seminar" on National Language and Foreign Languages Teaching in África). Moçambique.
11. RICHARDS, J. The Contrast of Language Teaching. Cambridge University Press. Cambridge, 1985.
12. RICHARDSON, R. Pesquisa Social, Métodos e Técnicas. Editora Atlas, São Paulo, 1989.
13. SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. 7ª Ed., Trad. de José Victor Adragão. Publicações DOM QUIXOTE, Lisboa, 1995.
14. SIGUAR, M. A Europa das Línguas. Trad. de Alexandra Borges de Sousa, Col. "Europa", Edições Terramar, Lisboa, 1996.



15. SOARES, J; FARIAS, A. e CÉSAR, C. Introdução à Estatística. Editora LTC, São Paulo, 1991.
16. SRIDHAN, S.N. Contrastive Linguistics and the Languages Teacher. Editora Jacets Firiats, New -Yorque, 1991.